

DIÁLOGOS ENTRE LITERATURA SURDA BRASILEIRA E A LITERATURA EMANCIPATÓRIA MOÇAMBICANA

Silvânia Saldanha da Silva (UFMS)
saldanha.silvania@ufms.br

Marcos Rogério Heck Dorneles (UFMS/CPAQ)
marcos.dorneles@ufms.br

Bruno Roberto Nantes Araujo (UFMS/CPAQ)
bruno.nantes@ufms.br

Resumo: Este artigo é um recorte investigativo da tese intitulada: “Esferas Femininas Surdas em âmbitos literários de brutalismo social”. O texto foi desenvolvido para a disciplina de “Literatura Comparada” do Ppgletras da Ufms, e foi apresentado na modalidade de Comunicação Oral no V Selliag dos Cursos de Letras da Ufms/Cpaq, para o “Simpósio 1 – Línguas de sinais no Brasil: Pesquisas linguísticas e educacionais”. A pesquisa aborda aspectos relacionados a elementos constitutivos e reflexivos da literatura surda brasileira e da literatura moçambicana de caráter emancipatório. O objetivo deste artigo é como tais literaturas abordam temáticas de injustiça social, reconhecimento e pertencimento de uma personagem ou de um eu poético. De outra parte, o estudo pondera sobre como mudam certas formas de ser e de se expressar ao longo de épocas distintas, para além das intertextualidades existentes em performance (modalidades linguísticas diferentes). Para realizar a pesquisa, foram selecionados os poemas “Onde estão eles?”, de Paulina Chiziane (2018), e “Minha luta é pela mulher, surda e negra”, de Gabriela Grigolom Silva – Negabi – (2018).

Palavras-chave: cultura e identidade surda; literatura moçambicana; literatura surda; luta emancipatória; poema.

Resumen: Este artículo es un extracto investigativo de la tesis titulada: “Esferas femeninas sordas en contextos literarios de brutalidad social”. El texto fue desarrollado para la asignatura de “Literatura Comparada” del PPGLeTRAS de la Ufms y presentado como Comunicación Oral en el V Selliag dos Cursos de Letras de la Ufms/Cpaq, en el marco del “Simpósio 1 - Línguas de sinais no Brasil: Pesquisas linguísticas e educacionais”. La investigación aborda aspectos relacionados con los elementos constitutivos y reflexivos de la literatura sorda brasileña y la literatura mozambiqueña de carácter emancipador. El objetivo de este artículo es explorar cómo estas literaturas abordan temas de injusticia social, reconocimiento y pertenencia de un personaje o un yo poético. Además, el estudio considera cómo ciertas formas de ser y expresarse cambian a través de diferentes épocas, más allá de las intertextualidades existentes en la performance (diferentes modalidades lingüísticas). Para la investigación se seleccionaron los poemas “Onde estão eles?”, de Paulina Chiziane (2018), y “Minha luta é pela mulher, surda e negra”, de Gabriela Grigolom Silva – Negabi – (2018).

Palabras clave: cultura e identidad sordas; literatura mozambiqueña; literatura sorda; lucha emancipadora; poema.



Introdução

Considerando que a pesquisa ainda se encontra em desenvolvimento, este artigo tem como propósito apresentar algumas discussões teóricas e conceituais referentes à literatura surda e à moçambicana de feição emancipatória, fundamentadas nas leituras, nos estudos e nos diálogos realizados ao longo dos estudos em Literatura Comparada. Para fins de organização, o artigo está estruturado em três seções principais.

Na primeira seção, são discutidos os conceitos relacionados à Surdez sob a perspectiva sociocultural e antropológica, bem como os fundamentos da Literatura Surda e da Literatura Visual, com destaque para a poética sinalizada apresentada por Negabi (Gabriela Grigolom Silva) – mulher surda, negra e ativista –, cuja obra está disponível no canal *YouTube*. A segunda seção dedica-se à parte da Literatura Moçambicana, abordando, de forma mais específica, o poema “Onde estão eles?”, da poeta Paulina Chiziane, a partir de temas como representatividade, ancestralidade, empoderamento, feminismo, raça e gênero, dentre outros aspectos. Na terceira seção, são apresentadas reflexões, diálogos e análises comparativas entre as duas literaturas, com enfoque nas questões de território, pertencimento, ativismo, feminismo, empoderamento da mulher negra e identidade de gênero. Por fim, o artigo é concluído com as considerações finais e as referências bibliográficas, que sintetizam os principais resultados e apontam perspectivas para o aprofundamento da pesquisa em andamento.

1. A construção da literatura surda, a surdez e a criação de Gabriela Grigolom Silva – Negabi

A literatura surda, também denominada literatura visual, constitui um importante elemento da cultura surda, no que concerne ao reconhecimento da pessoa surda como sujeito de sua própria identidade e à promoção da equidade nos processos inclusivos, em contraposição à lógica recorrente da segregação. A incorporação de artefatos culturais surdos com propostas metodológicas de educação voltadas a essa cidadania surda representa um ato de respeito às escolhas linguísticas e às formas específicas de comunicação e expressão dos sujeitos surdos, valorizando o uso de sua língua materna, a Língua Brasileira de Sinais (Libras). Nesse



horizonte pode-se dialogar com algumas orientações relacionadas para a cidadania surda no *Manifesto dos cidadãos surdos* sobre áreas vitais, como a questão da identidade linguística:

A cultura surda e a identidade linguística são tesouros da diversidade humana, ricos em história, arte e expressão. Valorizar e preservar esses elementos não apenas enriquece a sociedade como um todo, mas também fortalece o senso de pertencimento e autoestima das pessoas surdas. Reconhecer e celebrar a cultura surda é reconhecer a humanidade em sua plenitude de expressões. Negar e olhar para esses fazeres como fruto de incapacidade, compensação perceptual ou superação é discriminatório e capacitista. (FENEIS, 2024, p.59)

No mesmo manifesto podemos vislumbrar possíveis alguns elementos relacionados a dimensões artísticas pertinentes a certas esferas surdas de atuação e possíveis reflexões decorrentes, como no fragmento a seguir:

A arte e a cultura surda emergem não apenas como meios de expressão criativa, mas como poderosas ferramentas de advocacia e conscientização, desempenhando um papel crucial na promoção da inclusão social, na luta pela igualdade e no respeito aos direitos humanos das pessoas surdas. A produção artística surda, com sua riqueza e diversidade, desde o teatro até as artes visuais, passando pela literatura, música e cinema, oferece uma janela para as realidades vividas pela comunidade surda, celebrando suas conquistas, desafiando estereótipos e inspirando tanto a comunidade surda quanto a sociedade em geral. (FENEIS, 2024, p.180)

Entende-se que a literatura produzida pela cidadania surda pode expressar de forma nítida potencialidades políticas e estéticas da arte surda. Para a pesquisadora Karin Strobel: “[...] a arte surda é um território de afirmação identitária que expressa “[...] a alma, os sentimentos e a forma de ver o mundo das pessoas surdas [...]” (STROBEL, 2008). Manifestando, assim, uma estética visual própria e um modo singular de perceber e significar o mundo. Em perspectiva semelhante, Ana Regina Campello (2007) ressalta que a arte e a literatura surdas podem configurar uma pedagogia cultural, pois ensinam e reforçam determinados procedimentos, histórias e símbolos da comunidade surda, promovendo o fortalecimento da identidade e da autoestima coletiva. Por meio dessas manifestações, podem ser celebradas conquistas, desafiados estereótipos e reafirmação das identidades, inspirando tanto os sujeitos surdos quanto a sociedade em geral a repensar os significados da diferença, da resistência e da acessibilidade linguística da cidadania surda.

Conforme destaca Lodenir Karnopp “[...] a Literatura Surda tem uma tradição diferente, próxima a culturas que transmitem suas histórias oralmente e presencialmente. Ela se manifesta nas histórias contadas em sinais” (KARNOPP, 2008, p.2). Efetuando uma interlocução com



esses horizontes críticos dispostos anteriormente, pode-se vislumbrar que a literatura produzida por Negabi se pauta na resistência e construção identitária, rompendo com determinada centralidade da escrita e da oralidade na cultura ouvinte, contribuindo para a construção da Língua de sinais como língua de arte, memória e cultura.

O crescente interesse acadêmico e cultural por essa forma de expressão literária intensificou-se, sobretudo, após o reconhecimento oficial da Libras e com o avanço das tecnologias digitais, que possibilitaram novas formas visuais de registro e difusão das produções em língua de sinais. A preservação das línguas minoritárias configura-se como uma preocupação central em diversas comunidades, por estar diretamente associada à manutenção da identidade cultural e histórica desses grupos. As ações voltadas à revitalização linguística frequentemente envolvem iniciativas educacionais, projetos culturais e a promoção do respeito à diversidade linguística.

No contexto brasileiro, as últimas décadas foram marcadas por conquistas significativas das comunidades surdas, tanto no campo jurídico quanto nos espaços educacionais e culturais. Entre tais avanços, destacam-se o reconhecimento da cultura surda e a oficialização da Libras, conquistas que impulsionaram o desenvolvimento de pesquisas nas áreas da educação, da linguística e dos estudos literários, as quais ressaltam a relevância da língua de sinais e da aquisição da língua materna na formação e na educação da pessoa surda.

Esses movimentos contribuíram para o fortalecimento de reflexões críticas acerca do papel da língua na educação de surdos e para o reconhecimento das trajetórias de luta e resistência dessas comunidades. Tais reflexões abrangem discussões sobre as concepções de surdez, o ensino e o uso da língua de sinais, a dimensão cultural e decolonial do corpo surdo e certas implicações pedagógicas decorrentes dessas perspectivas, conforme discorre Madalena Klein:

Movimentos surdos podem ser entendidos como movimentos sociais articulados a partir de aspirações, reivindicações, lutas das pessoas surdas no sentido do reconhecimento de sua língua, de sua cultura. Esses movimentos se dão a partir dos espaços articulados pelos surdos, como as associações, as cooperativas, os clubes [...] (KLEIN, 2005, p.20).

A pesquisadora situa que os movimentos de politização das comunidades surdas constituem estratégias fundamentais para a consolidação de uma identidade cultural e linguística própria. Por meio da valorização da comunicação visual, do teatro surdo, da literatura surda e de outros artefatos culturais, esses movimentos podem expressar uma



perspectiva decolonial, a qual busca denunciar a histórica redução da pessoa surda à condição de “paciente da audiologia”, “deficiente auditivo” ou “sujeito com necessidades especiais”. Tal posicionamento tem como objetivo confrontar o modelo clínico-patológico que, durante décadas, predominou nas abordagens educacionais e sociais sobre a surdez, apontando uma proposta de transformação das práticas ouvintistas, substituindo os currículos e as metodologias centrados na oralidade e na escrita, para a modalidade viso espacial, em língua de sinais, proposta genuína de conhecimento e expressão utilizadas pelas pessoas surdas.

A diferença linguística evidenciada pelo uso das línguas de sinais é, nesse contexto, compreendida como marca de identidade e não de deficiência. A adoção da língua de sinais constitui, assim, um território simbólico e político, no qual se afirma uma cultura essencialmente visual, contraposta à visão medicalizante que define o sujeito surdo a partir da falta ou do déficit. Essa concepção enfatiza as potencialidades comunicativas e expressivas da pessoa surda e sustenta um paradigma de inclusão fundamentado na pluralidade linguística e cultural. Sob a perspectiva socioantropológica, a surdez é compreendida como uma condição natural e cultural, relacionada às experiências visuais e às identidades surdas construídas coletivamente, conforme assinala Nídia Regina Limeira de Sá (2010). Essa abordagem desloca o foco das limitações para as capacidades e potências dos sujeitos surdos, reconhecendo neles agentes ativos na produção de conhecimento e cultura.

Já a pesquisadora Iolanda Sanches sinaliza que: “[...] podemos pensar, porém, um indivíduo surdo capaz, e a surdez não como fim” (SANCHES, 1998). A pesquisadora argumenta que, ao entender o sujeito surdo como alguém que adquire suas experiências de modo singular e visual, distinto da experiência predominantemente auditiva, torna-se possível compreendê-lo em sua dimensão plenamente humana e social. A humanização da pessoa surda não decorre de fatores biológicos, mas de um processo contínuo de aprendizagem social que lhe permite interagir com o grupo em que nasce, assimilando seus hábitos, costumes e características culturais e transpondo o natural para o cultural. Essa visão amplia o entendimento da surdez como expressão de diversidade linguística e cultural, reafirmando o papel das comunidades surdas na produção de saberes e práticas emancipatórias que desafiam paradigmas coloniais e clínicos ainda persistentes na sociedade contemporânea, assim expresso por Sanches:

A surdez não é uma doença que necessita de cura, mas é uma condição que deve ser aceita. Os surdos não são inválidos que precisam de reabilitação. Eles são membros de uma comunidade linguística minoritária que deve ser



respeitada e possuem o direito inalienável de receber sua educação nesta língua. (SANCHES, 1998, p.51)

Historicamente, a concepção patológica da surdez foi construída a partir de saberes científicos e médicos que compreenderam o sujeito surdo como detentor de uma falha orgânica, interpretando a surdez como uma deficiência auditiva ou como um estado de menor eficiência corporal. Essa visão, consolidada no campo biomédico, afastou-se gradualmente das concepções filosóficas e religiosas excludentes que, em períodos anteriores, associavam a diferença corporal à punição ou anormalidade. A medicina moderna, ao assumir a surdez como objeto de análise, passou a enquadrar o corpo surdo em um modelo de conhecimento analítico e descritivo, sustentando a ideia de que esse corpo necessita de intervenções corretivas, como o uso de aparelhos auditivos e implantes cocleares, para alcançar uma suposta “normalidade” equiparável à dos ouvintes.

Nessa perspectiva, o modelo clínico-patológico concentra-se na identificação das doenças e disfunções associadas à audição, buscando desenvolver medidas de reabilitação que visam minimizar a deficiência por meio da oralização e de outras práticas interventivas, sejam elas terapêuticas, medicamentosas ou cirúrgicas. A surdez, portanto, é tratada como um desvio a ser corrigido, e o sujeito surdo é reduzido à condição de paciente em processo de reabilitação.

Contudo, o insucesso dessas estratégias de normalização e a resistência das comunidades surdas a tais práticas deram origem a uma nova compreensão da surdez, que desloca o foco da deficiência para a diferença linguística e cultural. Sob esse novo paradigma, o sujeito surdo passa a ser reconhecido como detentor de uma diferença constitutiva, e não de uma limitação. Essa diferença, ancorada na língua de sinais e nas experiências visuais compartilhadas, inaugura uma posição epistemológica própria, que confronta e subverte os discursos clínicos dominantes. Tal movimento pode ser compreendido, tal qual propõe Claudia Regina Gomes, como um processo de: “[...] proteção, socorro e subversão da natureza deficiente da surdez” (GOMES, 2011, p.130). Logo, configurando-se como uma inversão epistemológica do lugar historicamente atribuído à deficiência auditiva. A partir desse entendimento, a identidade surda é ressignificada e inserida no âmbito do cultural e do político, em oposição à lógica da medicalização.

A literatura surda, nesse contexto, emerge como uma expressão estética e política da comunidade surda, narrando suas experiências, dilemas e lutas por reconhecimento. Segundo Lucinda Ferreira Mourão: “[...] trata da história de vida dos surdos, sendo baseada em



documentos ou testemunhos, para transmitir sua forma de identificação, sua luta, a colonização pela ‘língua falada’, tanto na sociedade quanto na escola, do passado até os dias de hoje” (MOURÃO, 2016, p.194). Essa literatura também se constitui, portanto, como espaço de resistência simbólica e de reivindicação identitária, desafiando as narrativas hegemônicas que tentaram silenciar o corpo e a voz visual da pessoa surda.

Pensar a colonização da língua falada em detrimento da língua de sinais, língua materna da comunidade surda, é uma questão central na contemporaneidade. Diversos métodos e práticas decoloniais vêm sendo mobilizados pelo povo surdo desde os primeiros registros gesto-visuais até a oficialização da Libras, como forma de afirmação de sua autonomia linguística e cultural. Nesse sentido, Carlos Skliar (1998) destaca que o problema não reside na surdez, nos surdos, nas identidades surdas ou na língua de sinais, mas sim nas representações dominantes, hegemônicas e ouvintistas que moldam e limitam o olhar social sobre esses sujeitos.

A Literatura Visual Surda, entendida como um artefato cultural próprio dessa comunidade, revela-se um campo fértil de resistência e resiliência, pois questiona os valores canônicos e evidencia as múltiplas formas de existência e expressão da diferença. Como observa Catherine Walsh (2017), as marcas da colonialidade impõem fissuras que convocam à ação, à reflexão e à criação de “gretas” – espaços de ruptura e reconstrução capazes de romper os muros que delimitam as diferenças e de semear transformações sociais, na educação de surdos essas “gretas” representam oportunidades de **reconfigurar práticas pedagógicas, valorizar a Língua de Sinais e o reconhecimento das identidades surdas** frente às estruturas ouvintistas e excludentes historicamente presentes na escola e na sociedade.

Figura 1 - poema sinalizado - Negabi



Fonte: Escotilha, diálogo e informação (2018).



De modo convergente, James Nicholls (2016) compreende a relação entre literatura surda e identidade surda como uma “fresta”, uma abertura epistemológica e estética que possibilita o empoderamento e o protagonismo surdo por meio da expressão literária visual. Assim, a literatura surda, ao existir e se afirmar como prática artística e política, assume caráter decolonial, pois desafia paradigmas excludentes e inaugura novas formas de perceber, narrar e valorizar a diferença, assim desdobrado por Nichols:

[...] identidade própria, marcada por um tempo/local na sociedade. O campo da literatura surda reflete a necessidade de o surdo definir a sua própria identidade e construir uma consciência do que é ser surdo. No contexto literário isso se realiza a partir do momento em que o surdo se assume como sujeito da enunciação de sua própria história e como ser que se constitui pela experiência visual, libertando-se da imagem estigmatizada de que suas manifestações sejam “coisa de surdo”, forma como são denominadas pelos ouvintes. A literatura surda tem, então, como principal característica a presença de uma identidade atribuída ao surdo pelo surdo, desprendendo-se daquela imagem atribuída pelo outro (em geral, ouvinte), e assume o desafio da escrita de sua história. (NICHOLS, 2016, p.52)

Por sua vez, as pesquisadoras Maria Luísa Porto Andréa Peixoto (2011) destacam três vertentes de produções literárias associadas às dinâmicas das esferas surdas da criação:

[...] três tipos de produções literárias visuais: a literatura traduzida que está relacionada à tradução para a língua de sinais dos textos literários e escritos; a literatura adaptada que é fruto das adaptações dos textos clássicos à realidade dos surdos e, por fim, o tipo que realmente representa o resgate da literatura surda que é a produção realizada por surdos. (Porto; Peixoto, 2011, p.168-169)

Em nosso estudo também abordamos produções literárias surdas, em particular discorreremos sobre a literatura traduzida da Libras para o português oralizado na voz da intérprete da Negabi, e para os fluentes em Libras, a produção do vídeo com a sinalização de Negabi é a sua criação própria em sinais. Nessa perspectiva, João Silva e Carla Enedino (2021) discorrem que na comunidade surda de épocas passadas, a forma de comunicação predominante baseava-se na linguagem de sinais, transmitindo narrativas de uma geração para outra. Contudo, com o avanço tecnológico, surgiram recursos como a escrita, vídeos, livros e arquivos em bibliotecas e universidades, proporcionando um meio de registro, comprovação e preservação mais eficiente. Além disso, atualmente há pesquisadores dedicados a explorar questões relacionadas à surdez, aos surdos, como sua língua, cultura, identidade, subjetividade e processos de adaptação.



Sendo assim, é perceptível a grande discrepância entre traduzir e adaptar uma língua, especialmente quando se trata da adaptação dos valores e símbolos de uma história para a cultura de uma língua distinta, na qual os principais elementos de uma história são substituídos por outros que refletem a sua própria cultura. Considerando as declarações surdas descritas, as produções culturais surdas, o reconhecimento da Libras e as conquistas do movimento surdo, também propomos neste artigo contribuir para a visibilidade das práticas da literatura visual por meio das criações em Libras, visto que entendemos ser a produção literária como uma das formas que aproxima do esperado pela cidadania surda, politizados e inseridos em escolas ainda inclusivas, assim apontado por Lodenir Karnopp:

– Queremos ter a escola... Mas não como a escola do ouvinte, mas como a escola do adulto surdo [...]. Na escola do adulto surdo [...] precisa que se ensine Libras. O português tá bom, professor, mas a Libras é melhor. Na escola do surdo precisa que haja um professor surdo, para que as mulheres aprendam tudo sobre beterraba... Na escola do surdo precisa ter intérprete e curso de Libras para os ouvintes. Queremos também computador, intercâmbio com as comunidades surdas, teatro, arte, jogos, geografia, história, português, festas, churrasco e passeios... E se a escola oferecer tudo isso, nem precisa ter férias no mês de fevereiro, porque ficar em casa sem os amigos surdos é mesmo muito chato, professor. (KARNOPP, 2001).

Narrativa como a apresentada aponta a escolha de uma metodologia que muitas vezes é negada, acredita-se que, por muitas vezes, pela falta de conhecimento de que a pessoa surda pode e aprende de forma diferente da do ouvinte, e que é repassada para escolas sem considerar as diferenças linguísticas. Existe uma reflexão intrínseca sobre o papel do que faz as relações de interações dos conhecimentos, que seja um dos seus pares, para que para além dos conhecimentos seja levado também a cultura, a modernização, os avanços tecnológicos, as interações com seus pares que utilizam outras línguas de sinais, a literatura, a arte, o teatro, dentre os conteúdos acadêmicos para que seja tão acolhedora como os outros espaços em que tudo flui em Língua de sinais.

Observa-se nesta narrativa que a diferença linguística para a realização de tudo que acontece no ambiente escolar deixa de ser a diferença e passa a ser a essência da formação do corpo surdo de forma humanizada. Histórias contadas em Libras para crianças surdas é uma técnica que contribui para uma metodologia que com certeza leva uma criança surda a se aproximar da sua cultura e adquirir sua língua materna, visto que muitas destas em sua maioria vêm de famílias de ouvintes, em média 99%. A frequência com que crianças surdas vindas de outros espaços geográficos frequentam espaços bilíngues e que são oportunizadas o contato

com a Libras evidencia, nos termos de Baker e Cokely (1980), uma atitude e expressão de escolha por uma comunidade ou necessidade de compartilhar informação e comunicação. Não significa “Eu quero ser surdo”, mas antes, como expressam Kyle e Woll: “Eu sou uma pessoa surda e desejo estar em contato com outras pessoas que compartilhem minha língua” (Kyle; Woll, 1985, p. 21). Nas narrativas da literatura surda, estudos apontam que estas são marcadas por contos que originalmente eram direcionados para ouvintes. De acordo com Carolina Hessel, Fabiano Ros e Lodenir Karnopp (2003), dispõe-se a indagação: como um indivíduo surdo pode se relacionar com um protagonista que ouve? Foi feita uma modificação para integrar uma narrativa completamente nova que esteja inserida na cultura surda. Para ilustrar essa questão, Silva e Enedino (2021) assinalam a história da Chapeuzinho Vermelho, na qual, ao presenciar o lobo devorando sua avozinha, ela gritou por socorro. No entanto, como é possível que um leitor surdo se conecte com essa cena? Os pesquisadores ponderam sobre essa questão:

Na adaptação desse conto, a Chapeuzinho e o caçador são surdos e diante desse fato, ao invés de gritar, a personagem solta fogos de artifício para o caçador. São contos que buscam a identidade surda, tanto nos personagens como nos símbolos, tal como a luva da Cinderela e contos recontados por leitores surdos para surdos, buscando a valorização de sua cultura (SILVA; ENEDINO, 2021, p.06).

Nesta versão reinterpretada do enredo, todos os personagens centrais são surdos, tal como ocorre em outras produções literárias e narrativas transformadas especificamente para a comunidade surda. A trama é reelaborada em sua totalidade, incorporando de modo significativo elementos da cultura surda, o que permite a construção de uma narrativa alinhada às experiências visuais e linguísticas desse grupo social. Os narradores assumem, nesse contexto, o propósito de ir além da mera inclusão de personagens surdos, buscando representar vivências autênticas do cotidiano da comunidade surda, suas interações sociais e suas formas próprias de comunicação. Assim, nesta transformação, a ênfase recai sobre as experiências coletivas, a vida em grupo e o uso da língua de sinais como eixo estruturante da narrativa, configurando uma produção literária que reflete e valoriza a identidade cultural e linguística surda.

2. A construção da literatura moçambicana combativa e a criação de Paulina Chiziane



A literatura moçambicana caracteriza-se por sua expressiva diversidade estética e temática, refletindo sua complexidade histórica, social e cultural do país e as múltiplas identidades que o compõem. Seu desenvolvimento acompanha o processo de formação da nação moçambicana, desde o período colonial até a conquista da independência e a consolidação da unidade nacional. Marcada pelo uso da língua portuguesa – herança direta da colonização –, essa literatura diferencia-se por incorporar elementos lexicais, simbólicos e culturais das línguas locais, o que lhe confere uma identidade própria e a distingue das demais literaturas de língua portuguesa fora do continente africano, de acordo com Eduardo Napido (2021).

Segundo o ensaísta (2021), a literatura moçambicana tem origem nas tradições orais ancestrais, transmitidas de geração em geração, que permanecem vivas na escrita contemporânea. Ainda que nem sempre reconhecida em sua totalidade como patrimônio cultural, essa produção exerce papel fundamental na construção da identidade nacional. Durante o domínio português, as manifestações literárias africanas nos territórios colonizados eram frequentemente interpretadas como extensões da literatura portuguesa, reproduzindo seus modelos estéticos e estruturais. Contudo, a partir da década de 1940, intelectuais e escritores moçambicanos começaram a afirmar uma voz própria, publicando textos em periódicos com o intuito de questionar e resistir ao poder colonial.

A literatura de Moçambique distingue-se, ainda, por sua amplitude temática e por incorporar elementos culturais provenientes das regiões costeiras e das relações históricas com povos africanos e asiáticos, ampliando o horizonte da escrita moçambicana para além de suas fronteiras geográficas. O fortalecimento desse campo literário se deu a partir do diálogo entre autores e leitores, criando um circuito de trocas simbólicas que impulsionou novas formas de expressão artística e política.

A diferenciação entre a literatura portuguesa e as literaturas africanas de língua portuguesa emergiu, portanto, da busca por uma identidade nacional própria, consolidada na resistência ao domínio colonial e na valorização das línguas e tradições locais. Entre 1964 e 1975 – período da luta armada pela libertação nacional –, a literatura moçambicana contribuiu para a afirmação política e cultural, emergindo em espaços de denúncia, conscientização e reconstrução identitária. Como observa Napido: “[...] foi com o nascimento da nação independente, em 25 de junho de 1975, que a literatura moçambicana iniciou seu percurso de consolidação enquanto sistema literário autônomo.” (NAPIDO, 2021, p.74). Nascida da

resistência ao colonialismo, fortalecida pela independência e reinventada na contemporaneidade, a literatura moçambicana dialoga com experiências históricas, sociais e culturais do país. Entre as vozes mais expressivas desse cenário, Paulina Chiziane ocupa posição de destaque, ao lado de nomes como Mia Couto. Sua produção literária aborda questões de gênero, feminismo, memória da guerra civil, hibridismo linguístico, tensões entre tradição e modernidade, desigualdades sociais e transformações urbanas, configurando-se como uma escrita de resistência e emancipação.

Figura 1 - poema escrito – Paulina Chiziane



Fonte: Estratégia vestibulares (2022).

No poema “Onde estão eles?” (2009), Chiziane articula, com sensibilidade e vigor poético, uma reflexão sobre a ausência afetiva e social dos homens – figuras que, por motivos de guerra, migração ou abandono, deixam as mulheres na condição de provedoras e guardiãs do lar. Essa ausência evidencia não apenas a sobrecarga feminina, mas também o silenciamento e a solidão que permeiam suas existências. A voz poética da composição transforma a dor em denúncia e resistência, exaltando a força, a resiliência e o protagonismo das mulheres africanas.

Assim, a escrita de Paulina Chiziane reafirma a identidade feminina como força de sobrevivência e libertação, projetando uma literatura que se ergue como grito contra o colonialismo e o patriarcado. Sua obra consolida-se, portanto, como uma das expressões mais potentes da literatura moçambicana, ao inscrever a mulher africana como sujeito histórico, político e poético de sua própria narrativa.

3. Interfaces literárias: diálogos poéticos entre Paulina Chiziane e Negabi

A partir das reflexões de Tânia Franco Carvalhal (2001; 2003) acerca da literatura comparada, compreendida como um campo de investigação voltado à análise de relações entre diferentes obras, períodos ou tradições literárias, explorando a capacidade humana de

estabelecer conexões e contrastes, propõe-se, nesta seção, um exercício de leitura comparativa entre duas produções poéticas provenientes de contextos culturais distintos. O presente estudo busca identificar aproximações estéticas e temáticas entre a poética da escritora moçambicana Paulina Chiziane, com destaque para o poema “Onde estão eles?”, integrante da obra *O canto dos escravizados* (2018), e a poética visual-sinalizada da artista surda brasileira Negabi (Gabriela Grigolom Silva), apresentada em vídeo no canal Manos e Minas, sob o título “A Minha Luta é pela Mulher Negra, Surda e Militante”.

A análise será conduzida em três momentos: inicialmente, realiza-se uma reflexão sobre o poema de Paulina Chiziane, com ênfase em seus aspectos temáticos e simbólicos; em seguida, procede-se à discussão do material visual-poético de Negabi, considerando sua performance e o uso expressivo da Língua de Sinais como forma de resistência e afirmação identitária; por fim, serão apresentadas as interfaces literárias entre ambas as produções, observando-se os pontos de convergência e divergência em torno das categorias de feminismo, identidade, resistência e decolonialidade. Vejamos o poema “Onde estão eles?”:

A vida lhes levou por mil caminhos
Pelos carreiros cheios de espinhos
Levam consigo a vontade de viver e de vencer
Arrastam o estigma colocado sobre uma raça

Continuam nus, sós, e desprotegidos
Tal como desembarcaram das naus de tortura
Foram enxertados em novas paisagens
Lutam por fixar raízes no novo chão

São as vítimas preferidas da polícia
São a maioria da população das prisões
Habitam as favelas mais sombrias
Nas periferias de todas as Américas

Vivem como animais nas reservas florestais do Equador
São os varredores das estradas do México, Canadá
Cortadores de cana em Cuba, Venezuela, Argentina
São plantadores do ópio na Colômbia e Caraíbas

Onde está um negro é sempre um lugar de dor e sofrimento
Cidadão de último grau em todas as partes do mundo.
(CHIZIANE, 2018, p.43)

Na obra *O canto dos escravizados* (2018), a escritora moçambicana Paulina Chiziane questiona o destino dos negros oriundos da África, articulando uma reflexão profunda acerca da ausência e da invisibilidade de figuras historicamente relevantes na sociedade,



especialmente no contexto moçambicano e africano. Trata-se de uma produção literária de intensa carga simbólica e social, que nos convida a examinar criticamente as relações entre memória, colonialidade, gênero e resistência. Por meio de uma escrita feminina engajada, Chiziane desafia as estruturas de opressão, reafirma os valores culturais de sua comunidade e reivindica a liberdade como princípio de emancipação. O poema “Onde estão eles?” questiona a ausência de determinados sujeitos – em especial os homens –, interpretada como metáfora da marginalização de grupos e identidades dentro da sociedade. Ao fazê-lo, o poema instiga o leitor a refletir sobre quem é invisibilizado e por quais razões, relacionando tais ausências às dinâmicas de raça, gênero, classe e poder. A forma poética de Chiziane expressa um modo de interação com o mundo e de afirmação de presença social. Proveniente de uma família da etnia Tsonga e falante do idioma Chope, a poeta foi criada sob valores tradicionais que delimitavam rigidamente os papéis de gênero. Ao migrar para Maputo, na década de 1960, teve acesso à língua portuguesa e à educação católica, o que lhe permitiu confrontar as tensões entre os ensinamentos coloniais e as tradições locais, especialmente no que concerne às expectativas sobre o papel da mulher (CHIZIANE, 2018).

A indagação central – “Onde estão eles?” – é também compreendida como um questionamento sobre a ausência de figuras históricas e culturais que foram silenciadas ou apagadas por processos coloniais, guerras e deslocamentos. O poema configura-se, assim, como uma crítica às desigualdades sociais e às injustiças estruturais, expondo o modo como determinados grupos são suprimidos das narrativas oficiais, enquanto outros são amplificados. Em grande parte da obra de Chiziane, observa-se a recorrência das temáticas da identidade e do pertencimento, que em “Onde estão eles?” ganham destaque por meio da busca pelo reconhecimento de sujeitos marginalizados e pelo resgate da memória coletiva. Embora se refira à ausência dos homens, o poema é também uma ode à resistência feminina, revelando a força das mulheres que, diante do abandono e da desigualdade, assumem o protagonismo social e afetivo. A poeta propõe, portanto, uma reflexão sobre o reconhecimento e a valorização das vozes silenciadas, enfatizando a importância de todos os sujeitos na construção de uma sociedade mais justa e equitativa.

O horizonte da pergunta “Onde estão eles?” opera como um cenário simbólico que denuncia tanto a perda de figuras masculinas – em razão de guerras, migrações e violências – quanto a emergência das mulheres como agentes de transformação social. A ausência masculina, nesse sentido, revela a ruptura das estruturas patriarcais e coloniais e a consequente



reorganização do papel feminino como pilar da resistência e da continuidade da vida comunitária.

De modo análogo, na poética de Negabi (Gabriela Grigolom Silva), especialmente em sua performance “A minha luta é pela mulher negra, surda e militante” (2018), a artista surda propõe uma reflexão sobre as barreiras linguísticas e identitárias impostas pela sociedade ouvinte. Ao afirmar sua luta em defesa da mulher negra e surda:

No meio do caminho surge
Uma árvore

Um dia de sol,
Poucas nuvens no céu
Tempo abafado, coração apertado
Esse calor que me angustia
Quanta imposição para eu falar
Quantas barreiras para eu me comunicar
Um porre, para eu me acalmar

Respiro fundo,
Sinto o vento que bate no meu corpo
Respiro fundo,

A língua de sinais está em minhas mãos
É minha língua, luto pelo direito de usá-la
Não me obrigue a oralizar
Eu tenho a língua de sinais
Não me obrigue a falar
Tenho a língua de sinais para me expressar

Sou batalhadora, mulher negra, surda
Como aquela árvore
Eu tenho raízes resistentes e profundas
Sim, eu sou como uma árvore.

A minha luta é pela mulher negra, surda, militante
Somos a resistência
Junte-se a nós nessa luta
Respiramos, sentimos, ouvimos com os olhos
Nós somos assim
Que as nossas raízes cresçam e se espalhem
Que encontrem outras árvores como eu
(NEGABI, 2018)

O poema de Negabi explicita intersecções de raça, gênero e diferença linguística, demandando visibilidade, reconhecimento e justiça social. Sua poética pode se inserir no campo da interseccionalidade, conceito formulado por Kimberlé Crenshaw (1989), segundo o qual as opressões estruturais – como o racismo, o sexismo e o capacitismo – não atuam de



forma isolada, mas se sobrepõem, gerando experiências singulares de exclusão. Nesse contexto, a produção poética de Negabi denuncia a tripla discriminação vivida pelas mulheres negras surdas e propõe, por meio da poesia sinalizada, uma crítica às formas de silenciamento e de negação da diferença. Sua arte torna-se, assim, uma forma de ativismo visual e linguístico, que reivindica o direito ao uso da Língua Brasileira de Sinais (Libras) e a resistência e a afirmação cultural.

De acordo com Ana Medeiros, Lucas Sousa e Maria Carvalho (2021), a poesia surda se caracteriza por uma estética visual e corporal que ultrapassa os limites da linguagem verbal, utilizando o corpo como meio de expressão simbólica e política. Nesse sentido, a obra de Negabi amplia as fronteiras da literatura, ao integrar performatividade, militância e identidade cultural em uma única manifestação artística. Sua militância vai além da arte, englobando ações de mobilização e conscientização em prol da inclusão e da representatividade das mulheres negras e surdas em espaços de decisão. Essa atuação reflete um compromisso ético com a transformação social e a construção de políticas públicas inclusivas, pautadas no respeito à diversidade e na promoção da acessibilidade. Ao aproximar as poéticas de Chiziane e Negabi, percebe-se uma convergência temática e simbólica: ambas são mulheres negras que, em diferentes linguagens – escrita e sinalizada –, articulam a voz, a sinalização da resistência.

Enquanto Chiziane questiona a ausência e a invisibilidade de grupos oprimidos, sobretudo os homens e, por extensão, as mulheres que deles herdaram o fardo social, Negabi denuncia a invisibilidade das mulheres negras e surdas, destacando as sobreposições de opressões que atravessam suas experiências. Em Chiziane, a interseccionalidade manifesta-se de forma implícita, no entrecruzamento das categorias de gênero e raça; em Negabi, essa articulação é explícita, constituindo o eixo central de sua poética e de sua militância. Ambas as poetisas, contudo, convergem na defesa de uma identidade afirmativa e coletiva, sustentada pela arte em suas interlocuções nas esferas de resistência, de denúncia e de reexistência.

Considerações finais

Em ambos os casos, a arte literária realiza interfaces com as atuações de empoderamento e de afirmação de vozes e sinalizações. Em “Onde estão eles?”, Chiziane promove a visibilidade de sujeitos historicamente esquecidos e marginalizados, configurando um ativismo simbólico em prol da justiça social e da equidade. De forma complementar, a poética de Negabi dialoga com a atuação de caráter de manifesto político explícito, orientado

à reivindicação de reconhecimento, de direitos, principalmente ao linguístico, e igualdade para mulheres negras surdas, para além da surdidade. As produções dessas autoras, inseridas em contextos distintos – Moçambique e Brasil –, evidenciam a potência transformadora das vozes/sinalizações femininas negras, que a partir de experiências de dor, ausência e exclusão, constroem discursos de resiliência, resistência, empoderamento e solidariedade, territorialidade, reivindicando espaço legítimo e autônomo na esfera social, linguística e cultural.

Nesse sentido, as obras de Paulina Chiziane e Negabi podem ser compreendidas como complementares e intertextuais, ao proporem um horizonte ético e estético convergente, centrado na descolonização das linguagens e dos corpos e na reconstrução da memória coletiva, por meio da valorização das identidades historicamente silenciadas, embora apresentem criações diferentes. Tais produções demonstram que a literatura não apenas mergulha nas desigualdades sociais, mas constitui-se também em interlocução de resistência, afirmação e transformação cultural, reafirmando também a importância da arte em esferas de justiça social e reconhecimento identitário, cada uma à sua maneira peculiar de se promover, tanto na oralidade/escrita (Chiziane) quanto na visualidade/sinalizações (Negabi).

Referências

BAKER, C.; COKELY, D. **American sign language and the deaf community: social and linguistic perspectives**. Boston: College-Hill Press, 1980.

CAMPELLO, Ana Regina. **Pedagogia visual: educação e cultura surda**. Rio de Janeiro: Arara Azul, 2007.

CARVALHAL, Tania Franco. **Literatura comparada**. São Paulo: Ática, 2001.

_____. **O próprio e o alheio: ensaios de literatura comparada**. São Leopoldo: Unisinos, 2003.

CHIZIANE, Paulina. **O canto dos escravizados**. Maputo: Ndjira, 2018.

CRENSHAW, Kimberlé. **Demarginalizing the intersection of race and sex: a black feminist critique of antidiscrimination doctrine, feminist theory and antiracist politics**. University of Chicago Legal Forum, Chicago, v. 1, n. 8, p. 139-167, 1989.

FENEIS. **Manifesto dos cidadãos surdos: nossos direitos humanos pela garantia da educação bilíngue ao longo da vida..** Belo Horizonte: Grupo Feneis, 2024.

GOMES, Cláudia Regina. **Educação de surdos e diferença: um olhar sobre o discurso pedagógico**. Porto Alegre: Mediação, 2011.



HESSEL, E.; ROSA, M.; KARNOPP, L. **Literatura e identidade surda**: interações culturais e linguísticas. Porto Alegre: Mediação, 2003.

KARNOPP, Lodenir Becker. Apresentação oral sobre relatos de estudantes surdos. **Educação de surdos**: perspectivas e práticas. Porto Alegre, 2001.

KARNOPP, Lodenir Becker. Literatura surda: experiências visuais e identidades culturais. **Revista Trabalhos em Linguística Aplicada**, v. 47, n. 2, p. 1-9, 2008.

KLEIN, Madalena. **Educação inclusiva**: desafios e possibilidades. Porto Alegre: Mediação, 2005.

KYLE, J. G.; WOLL, B. **Sign Language**: The Study of Deaf People and Their Language. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.

MEDEIROS, Ana; SOUSA, Lucas; CARVALHO, Maria. **Poesia surda: estética, corpo e linguagem visual**. Recife: Editora Universitária, 2021.

MEDEIROS, Renata et al. A poesia surda e a construção da identidade cultural: expressões visuais de resistência. **Revista Brasileira de Estudos da Tradução**, Curitiba, v. 16, n. 2, p. 112-130, 2021.

MOURÃO, Lucinda Ferreira. A história de vida dos surdos: memórias, lutas e identidades. In: LOPES, Maura Corcini; MOURÃO, Lucinda Ferreira (org.). **Educação de surdos**: políticas, narrativas e práticas. Porto Alegre: Mediação, 2016. p. 185–198.

NAPIDO, Eduardo. **Literatura Moçambicana**: Identidade e Resistência Cultural. Maputo: Universidade Eduardo Mondlane, 2021.

NAPIDO, P. (2021). A literatura moçambicana: caminhos da consolidação. **Revista Internacional Em Língua Portuguesa**, (37), 73-91.

NEGABI (Gabriela Grigolom Silva). A minha luta é pela mulher negra, surda e militante. [Vídeo]. **Manos e Minas**. YouTube, 2020. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=7FuNSTiJl_k. Acesso em: 1 nov. 2025.

NICHOLLS, James. **Literatura Surda e identidade cultural**: perspectivas críticas. Londres: Routledge, 2016.

PORTO, Maria Luísa; PEIXOTO, Andréa. **Literatura surda: produção visual e identitária**. Rio de Janeiro: Educa, 2011.

SÁ, Nídia Regina Limeira de. **Cultura, poder e educação de surdos**: perspectivas socioantropológicas. 2. ed. Porto Alegre: Mediação, 2010.

SANCHES, Iolanda. **Educação de surdos**: uma visão sócio-antropológica. Lisboa: Instituto Piaget, 1998.

SILVA, João; ENEDINO, Carla. **Memória e narrativa na comunidade surda**: tradições visuais e transmissão intergeracional. São Paulo: Contexto, 2021.

SKLIAR, Carlos. **A cultura surda:** língua, identidade e educação. Porto Alegre: Mediação, 1998.

STROBEL, Karin Lilian. **As imagens do outro sobre a cultura surda.** Florianópolis: UFSC, 2008.

WALSH, Catherine. **Descolonizar o saber, reinventar o poder:** perspectivas decoloniais para a educação e as ciências sociais. Quito: Ediciones Abya-Yala, 2017.